
“COMO É POSSÍVEL QUE VOCÊ TENHA UM PH.D. E AINDA NÃO SAIBA CORTAR UMA COSTELA EM PÉ?” SIDNEY MINTZ E A ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO

Ceres Gomes Vítora

Maria Eunice Maciel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

O nome de Sidney Mintz é sobejamente conhecido entre os antropólogos de várias gerações. Grande foi e é sua importância na disciplina desde a segunda metade do século XX, tendo enriquecido, significativamente, o debate antropológico. Suas pesquisas têm motivado fecundas perspectivas, tanto no que se refere às culturas do Caribe quanto à área conhecida como antropologia da alimentação no Brasil.

No primeiro caso, o seu trabalho de campo na região do Caribe iniciou-se em 1948, primeiramente em Porto Rico e na Jamaica, e subsequentemente no Haiti. Suas pesquisas contemplam de forma abrangente a complexidade de sociedades marcadas por uma história de trabalho forçado e escravidão imposta pela colonização europeia nas Américas e pelo modo de produção da cana-de-açúcar. Seu evidente interesse pela história e pela economia política da região motivou a escrita e a edição de dezenas de livros e centenas de artigos que influenciaram antropólogos e historiadores em todo o mundo desde meados do século XX. Entre os seus livros mais conhecidos encontra-se *Sweetness and power: the place of sugar in modern society* (Mintz, 1985), no qual analisa um conjunto de conexões históricas, econômicas e sociais envolvidas na produção e no consumo de um produto que se tornou importantíssimo na dieta alimentar contemporânea.

Já no segundo caso, a antropologia da alimentação – que nos Estados Unidos é conhecida como “anthropology of food” – aparece como um interesse, em certa medida, decorrente do primeiro. Ao escrever extensamente sobre

um alimento específico, no caso o açúcar, ele passa gradativamente ao estudo de outros alimentos, refletindo também sobre a questão mais geral da relação dos homens com a comida.

Diz o autor em seu *website*:

Não tivemos nenhuma comida natural desde que nos tornamos plenamente humanos, exceto, talvez, o leite materno. Os alimentos de diferentes povos, moldados pelo *habitat* e pela história, tornar-se-iam um marco vivo de diferença, símbolos de pertença e de exclusão. (tradução nossa).¹

Muito pouco de sua grande e influente obra foi traduzida para o português, fazendo com que sua difusão, no Brasil, seja limitada. De fato, temos apenas à disposição em língua portuguesa, o artigo “Encontrando Taso, me descobrindo” (Mintz, 1984) – publicado na *Revista de Ciências Sociais* – em 1984; *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados* (Mintz, 2003) – uma coletânea de importantes trabalhos publicada pela Universidade Federal de Pernambuco organizada por Christine Rufino Dabat – em 2003; e “Comida e antropologia: uma breve revisão” (Mintz, 2001), sua conferência apresentada na Reunião da Anpocs de 2000 e publicada pela *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (disponível *on-line*).

Suas reflexões sobre uma região com um passado e um presente açucareiro, embora tratando do Caribe, atingem diretamente as discussões sobre esse tema no Brasil. Tanto assim que Mintz é referência importantíssima para nós, sendo citado em inúmeros estudos sobre o açúcar e seu modo de produção no Nordeste brasileiro.

Sempre partindo de uma perspectiva histórica, os livros de sua autoria (ou que organizou), como *Tasting food, tasting freedom: excursions into eating, power, and the past* (Mintz, 1996) e *The world of soy* (Du Bois; Tan; Mintz, 2008), analisam mudanças nos hábitos e na produção de alimentos específicos observáveis em diferentes partes do mundo ao longo da história. Para ele, ao estudarmos questões aparentemente específicas de certos alimentos, não podemos perder de vista o objetivo maior da antropologia que é o

¹ Ver <http://sidneymintz.net>.

de entender as dinâmicas, as políticas, as economias e as relações de poder que se produzem nas histórias das diferentes sociedades. Na entrevista realizada para este volume de *Horizontes Antropológicos*, ele refere: “Para antropólogos, esquecer o legado dos últimos cinco séculos é esquecer o lugar do imperialismo e do colonialismo na formação do mundo que a minha geração herdou. Acredito que essas são coisas que nós precisamos ter em mente para explicar qualquer fenômeno contemporâneo.”

E é esse sentido, profundamente político da antropologia, que Mintz ressalta ao falar do seu trabalho e sobre o fazer antropológico.

Sidney Mintz estudou na Columbia University sob a supervisão de Julian Steward e Ruth Benedict, assim como outros alunos dessa fase que vieram a ser importantes antropólogos, tais como Marvin Harris, Eric Wolf, Morton Fried, Stanley Diamond, Robert Manners e Robert F. Murphy.

Mintz construiu sua carreira na Universidade de Yale, onde ingressou em 1951, permanecendo até 1974. Em 1975, foi para a Johns Hopkins University, onde ajudou a estabelecer o departamento de antropologia. Foi também professor/pesquisador visitante (*visiting lecturer*) no Massachusetts Institute of Technology, Princeton, Berkeley, na École Pratique des Hautes Études e no Collège de France, Paris, além de diversos outros lugares, tais como Nova Zelândia, Austrália e Hong Kong. Em 1992 foi estabelecida a honraria Sidney W. Mintz Lecture, uma conferência promovida anualmente pelo departamento de antropologia da Johns Hopkins University no outono, para a qual é convidado um palestrante cujas pesquisas tenham sido influenciadas por sua extensa obra.

Dentre as suas publicações encontramos, por exemplo, em 1956, seu estudo de uma aldeia de trabalhadores na cana-de-açúcar, que foi incluído na obra *The people of Puerto Rico*, organizada por Julian Steward (Mintz, 1956). Publicou também várias obras sobre o campesinato na região do Caribe, tais como *Worker in the cane* (Mintz, 1960) e *Caribbean transformations* (Mintz, 1974). Com Richard Price, Mintz publicou em 1976 o texto *The birth of African-American culture* (Mintz; Price, 1992), que se tornou um marco nos estudos sobre o tema. Da mesma forma, *Caribbean contours*, de 1985, com Sally Price, também é tido como referência (Mintz; Price, 1985).

Como referimos, em sua obra, história e antropologia são aproximadas. Pode-se mesmo dizer que Mintz realiza uma “etnografia com uma perspectiva histórica”, fornecendo perspectivas analíticas capazes de articular as assim

chamadas dimensões “macro”, o capitalismo na escala de economia internacional, até as chamadas “micro”, as maneiras de viver dos trabalhadores.

Em 1957, escreve com Eric Wolf um texto que se tornaria famoso e onde estaria colocado o conceito de *plantation*. Trata-se de “Haciendas and plantations in Middle America and the Antilles” (Wolf; Mintz, 1957). No Brasil, *plantation*, cuja tradução é “plantação”, é habitualmente escrita e pronunciada em inglês para se referir a um tipo muito particular de produção agrícola, a grande propriedade monocultora, voltada ao mercado externo, tal como a grande plantação açucareira brasileira. O conceito foi de tal forma assimilado que aparece em trabalhos para caracterizar a produção brasileira do auccar sem que os autores reconheçam, ou refiram, a importância de Mintz no aprofundamento do seu significado. Vale lembrar que ele argumentou que a *plantation*, embora fosse considerada pela teoria econmica uma forma pr-capitalista e pré-industrial, possuía, em vários sentidos, a complexidade das formas capitalistas de organização. Isso se observa tanto nos processos mecânicos envolvidos naquele tipo de produção quanto no tipo de relação com os trabalhadores – escravos, porém com particularidades que os diferenciavam em relação  escravatura mais tradicional –, com o trabalho que exigia uma forma coordenada com aspectos que se assemelhava ao modelo industrial. Argumentava, portanto, que o modelo de *plantation* do Caribe deveria ser pensado como uma forma nascente de capitalismo e não apenas um novo mercado para a expansão capitalista (Bauser, 1992).

Muitos outros estudos importantes seguiram-se, sendo que dois dos que já citamos anteriormente – *Sweetness and power* (Mintz, 1985) e *Tasting food, tasting freedom* (Mintz, 1996) – têm um lugar especial no conjunto de sua obra. Salientamos que, se em um primeiro momento, o autor preocupou-se com a produção e os produtores de auccar, em *Sweetness and power*, Mintz também realiza um minucioso exame histórico e antropológico do papel e do significado do auccar na dieta ocidental.

Como ele mesmo comenta sobre seu livro:

A história do auccar  longa e complexa demais para tentar resumi-la aqui. Mas é bom sublinhar em passngue que o uso da sacarose é relativamente recente na Europa como um todo – talvez um milnio, mas não mais – enquanto que seu uso comum e popular é muito mais recente ainda. Foi somente com o desenvolvimento das plantaoes no Novo Mundo, e particularmente na segunda metade

do século XVII, que o açúcar começou a baixar de preço na Europa, tornando-se, assim, acessível a outros além de um pequeno segmento da sociedade europeia, e mudando de produto medicinal e especiaria para conservante, meio de ostentação, adoçante e, finalmente, alimento. Tentei tratar [em *Sweetness an power*] da transformação de uma raridade reservada aos príncipes em um prosaico bem de primeira necessidade. (Mintz, 2003, p. 100).

Para nós, conhecer essa história é muito relevante porque o Brasil se notabiliza não apenas como produtor mas como consumidor de açúcar, o que é, inclusive, expresso nas quantidades de açúcar empregado nas receitas dos doces brasileiros. Nesse sentido, o livro de Mintz traz indagações importantes para serem verificadas. Ao mesmo tempo, como nos dias de hoje ocorre uma “demonização” do açúcar, quando alguns especialistas em saúde chegam mesmo a indicar a abolição do açúcar refinado da alimentação, cabe retomar questões levantadas por Mintz para confrontar as diversas perspectivas e concepções elaboradas em torno desse produto.

Para se conhecer a perspectiva do autor, em *Tasting food, tasting freedom* Mintz (1996, p. 15) diz:

My hope is that they will make people think more about what they eat and why they eat it: about this amazing, everyday activity by which we stay alive. I am myself regularly astonished by what seems to me to be the un-self-reflective manner in which so many Americans eat what they do, under the conditions they do. I wish from time to time that they would do otherwise.

Observa-se assim a contribuição de Sidney Mintz para o espaço disciplinar conhecido como antropologia da alimentação. Para Mintz são muitas as tarefas. Hoje, com a mudança acelerada dos sistemas alimentares, urge tentar compreender como os hábitos e práticas alimentares mundiais estão mudando, como os sistemas e estruturas alimentares, expressos nas “cozinhas”, se constroem, o poder da tradição cultural para moldar o comportamento alimentar e o que o futuro reserva.

Na entrevista publicada nesta edição o autor descreve outros trabalhos de pesquisa que realizou após sua extensa produção que enfocava o açúcar, como, por exemplo, o livro sobre a soja – *The world of soy* (Du Bois; Tan; Mintz, 2008) – que se confirma como uma obra de muita relevância para o Brasil, e que portanto precisa, urgentemente, de tradução para o português.

Para concluir, podemos citar um trecho da introdução de seu livro *Tasting food, tasting freedom* que mostra um pouco do autor Sidney Mintz (1996, p. xi, xviii, tradução nossa, grifo do autor):

Meu pai era um cozinheiro [...] Minhas atitudes em relação à comida e minha estima por ela vieram do meu pai. Este livro nunca teria sido escrito não fosse por causa dele. Minhas melhores memórias sobre ele estão associadas inseparavelmente com a cozinha. Ele não achava que eu era muito bom na cozinha, com certeza. Ele me via cortar uma costela em pé e dizia: “Como é possível que você tenha um Ph.D. e ainda não saiba cortar uma costela em pé?” Eu imagino que ele está em cima atualmente, olhando para baixo e dizendo para um amigo: “Olhe, la está meu filho. Ele ganha a vida *escrevendo* sobre comida!”

Referências

BAUSER, M. Book review: Mintz, Sidney W. Sweetness and power. *Michal Bauer is Losing his Mind*, 1992. Disponível em: <<http://www.michael.bauser.name/19920612T054840Z>>. Acesso em: 31 nov. 2011.

DU BOIS, C.; TAN, C. B.; MINTZ, S. (Ed.). *The world of soy*. Urbana: University of Illinois Press, 2008.

MINTZ, S. W. Canamelar: the subculture of a rural sugar plantation proletariat (revision of doctoral thesis.) In: STEWARD, J. H. et al. (Ed.). *The people of Puerto Rico*. Urbana: University of Illinois Press, 1956. p. 314-417.

MINTZ, S. W. *Worker in the cane: a Puerto Rican life history*. New Haven: Yale University Press, 1960. (Caribbean Series II).

MINTZ, S. W. *Caribbean transformations*. Chicago: Aldine Press, 1974.

MINTZ, S. W. Encontrando Taso, me descobrindo. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

MINTZ, S. W. *Sweetness and power: the place of sugar in modern history*. New York: Viking, 1985.

MINTZ, S. W. *Tasting food, tasting freedom: excursions into eating, culture, and the past*. Boston: Beacon Press, 1996.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 31-41, out. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

MINTZ, S. W. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Organizado por Christine Rufino Dabat. Recife: Editora Universitária UPFE, 2003.

MINTZ, S. W.; PRICE, R. *The birth of African-American culture: an anthropological perspective*. Boston: Beacon Press, 1992.

MINTZ, S. W.; PRICE, S. (Ed.). *Caribbean contours*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

WOLF, E.; MINTZ, S. W. Haciendas and plantations in Middle America and the Caribbean. *Social and Economic Studies*, v. 6, n. 3, p. 380-412, 1957.